

VERDADES E MENTIRAS

Jardins fantásticos de Montica, onde se fazem grandes
 festas de coloridos e extravagâncias. A H. um lago onde se reflete
 o céu doirado. A D. pequeno portico com três degraus. Em cima
 da, alvaria e intriga. Difusão e obra, aparece Rantira no alto
 da grada da

P Ó D' A R R O Z

Revista em 2 actos e
 10 quadros.

Original de:
 Luis d'Aquino, João Bastos,
 Alberto Barbosa, Xavier de
 Magalhães, Lourenço Rodrigues
 e José Galhardo.
 Musica de :
 Tomás Del-Negro e
 Raul Portela .

Representada pela 1ª vez, para
 inauguração do TEATRO VARIEDA-
 DES, de Lisboa, em
 de 1926 .

Doação
 Victor Pardo
 dos Santos

VERDADES E MENTIRAS

(Nos jardins fantasticos da Mentira. Arvores de forma caprichosa. Flores de coloridos extravagantes. Á E. um lago onde se reflete um chorão doirado. Á D. pequeno portico com três degraus. Em cima, Lisonja e Intrigas. Durante o cômico, aparece Mentira no alto da escada da D.)

CÔRO

Mentir, mentir p'ra divertir
E p'ra passar a vida a rir,
Mentir,
Mentir
Gosar, viver,
P'ra não sofrer.
E não sentir
Porque as verdades todas são
No mundo, emfim, pura ilusão!
Cantar,
Dançar,
Que o próprio amor
Não passa, não,
Duma irrisão !

1ª. EMBUSTE

Silêncio! Vai chegar
A nossa soberana!
Eis a mentira humana.
A quem deveis saudar!

CÔRO

Vamos todos num virote,
Para ver quem mais delira,
Já dançar um fox-trot
Em honra da mentira.

MENTIRA

Mentira, delícia da vida,
É laço do amor e dos sonhos,
Em que a pureza anda iludida
Em doces enlevos risonhos.

CÔRO

Em que a pureza anda iludida
Em doces enlevos risonhos.

MENTIRA

Nesta vida de amarguras,
Tudo, tudo são doçuras
Para quem foge á realidade.
Afinal toda a mentira,
Que ilusão da fé nos tira,
'stá sómente na verdade.
P'ra que nada nos enerve,
Numa eterna f'licidade,
A mentira é que nos serve!

CÔRO

P'ra que nada nos enerve,
Numa eterna f'licidade,
A mentira é que nos serve!

MENTIRA

Mentira, delicia da vida,
É laço do amor e dos sonhos,
Em que a pureza anda iludida,
Em doces enlevos risonhos!

CÔRO

LINHAJA

Em que a pureza anda iludida,
Em doces enlevos risonhos!

LISONJA

(Arrogante. "Panache") Divina Mentira! A Lisonja, tua representante, sobre a Terra, tem a honra de apresentar sua nova corte de Intrigas!

MENTIRA

(Descendo os degraus da D.) Felicito-te, amavel Lisonja, pelo aprumo dos teus vassallos! Vejo que dia a dia aumenta o meu poder!

LISONJA

Nada resiste ao imperio das tuas seduções. O Brão entrega-te a sua espada, a Vergonha o seu manto e a Honra o segredo da sua historia! Estás em plena ditadura moderna!

MENTIRA

Sim! De facto posso orgulhar-me de possuir na minha mão os maiores tesouros da humanidade! Mas quero mais — mais ainda!

LISONJA

Tê-lo-has, assim o juro!

INTRIGAS

Sim! Juramos!

MENTIRA

Mas não basta a tua dedicação, Lisonja, nem o vosso juramento, perfidas Intrigas! Agora, mais do que nunca, preciso certificar-me de que me pertence a soberania universal!

LISONJA

E, para isso, o que pensas fazer?

MENTIRA

Convocar todos os meus vassallos para que me defendam! Sim, porque eu, Lisonja, confesso: tenho medo, muito medo...

INTRIGAS

(Num murmurio) Oh!

(Depois de rir) Como é bela e grande a tua fantasia! Não vêes que tudo quanto erlaste - a Liberdade, a fé, as ideias avançadas - tudo é mentira? Não vêes como são falsas as palavras que nos encantam e os olhos que nos iluminam? Mentira! (A rir) É tudo mentira! (Badaladas numa sineta. Alar-me) "Este sinal... Esperas mais convivas?

MENTIRA

Não! A menos que se trate de algum desacordo...

1ª. PAGEM

Ninguém vos importunará. As sentinelas estão vigilantes.

2ª. PAGEM

(Entrando) Magestade! Uma pobre mulher que pede guarida... (Murmúrios)

VOZES

(Uns para os outros) Uma pobre! É uma pobre!

LISONJA

Mandai-a seguir! A caridade não se acoita entre nós!

MENTIRA

Não! (Ao Pagem) Mandai-a entrar! (Pagem sai) Lembra-te de que não posso negar auxílio aos que recorrem à minha protecção!

1ª. INTRIGA

(Às outras) Uma mendiga! Vamos divertir-nos!

LISONJA

(Numa vénia) Lançarei aos quatro ventos a cifra da tua esmola!

2ª. PAGEM

Por aqui, senhora!

1ª. INTRIGA

Ei-la! (A Verdade entra firme. Altivez discreta)

2ª. PAGEM

(Apresentando) Sua Magestade a Rainha! (Murmúrios de admiração)

(Aparte) Como é bela!

MENTIRA

(Com afecção) Aproxima-te, minha bôa amiga, e dize o que pretendes!
Um punhado de oiro, uma tunica, uma intriga redentora...

VERDADE

(Simplesmente) Não! Não venho pedir-te esmola, soberana Mentira! Guarda o teu oiro, que não me traria a felicidade, a tua veste, que me desnudaria mais ainda e a tua intriga redentora, que me perderia para sempre! Bem se vê que não me reconheceste!

TODOS

(Com espanto) Oh!

MENTIRA

(Com despeito) Nesse caso, que vens aqui fazer?

VERDADE

Pedir-te o que me pertence! Exigir o patrimonio que me roubaste!

MENTIRA

Mas quem és tu que te atreves a afrontar a rainha no seu palacio e diante dos seus vassalos?

VERDADE

A tua irmã gêmea! Sou a Verdade!

TODOS

Ah! (Panico geral, saindo todos de tropel. Ficam apenas em scena a Verdade e a Mentira)

VERDADE

(Após o tumulto, com espanto) Fugiram todos! Que poderosa cobardia!

MENTIRA

(Num desespero) A Verdade! A Verdade!

VERDADE

Não me esperavas? Horroriza-te a minha presença ?

MENTIRA

Sim! Odeio-te, detesto-te! Como ousaste penetrar nos meus dominios?
Que imaginas conseguir da minha generosidade?

VERDADE

Tudo, porque somos irmãs!

MENTIRA

Sim, mas seguimos caminhos diferentes! Tu, falando uma linguagem
cruel, mostraste ao homem a pobreza da sua origem!

VERDADE

E tu, lisongeando-lhe a vaidade, transformaste-lhe a vida num inferno!

MENTIRA

Por isso o mundo me pertence!

VERDADE

Mas não todo, como julgas!

MENTIRA

Ameaças-me?

VERDADE

(Noutro tom, enquanto na orquestra se ouve uma surdina) Não, minha
irmã, suplico-te! Ha um cantinho da terra, em que me refugiei da tua
ira, onde o azul do ceu é mais puro, o sol tem mais brilho e as flo-
res um casto aroma. As almas que o povoam são puras e simples, hos-
pitaleiras e boas. A Justiça é imparcial, o Comercio é honrado e os
governantes são sabios e patriotas. Não ha lutas, nem ambições e a
Paz reina entre todos como se todos fossem irmãos!

MENTIRA

(Ironica) É então um verdadeiro Paraíso?

VERDADE

Que eu te suplico não vás perturbar com a tua ambição .

MENTIRA

Tanta ingenuidade começa a interessar-me! Crês então na energia do

teu povo?

VERDADE

Creio porque é o unico que não conseguiste corromper!

MENTIRA

Não, mas consegui adormece-lo. Vais ver. (Sobe o F. aparecendo o sono do monumento dos Restauradores, do lado sul, vendo-se a estátua da Liberdade em bronze. Nos degraus dorme o Compère)

VERDADE

Ah, mas está embriagado?!

MENTIRA

Não; dorme ha quarenta anos sonhando com a Liberdade que lhe prometeram ha um seculo. Vou deperta-lo!

ZÉ

(Tipo burguez de 1886, com o inseparavel guarda-chuva, despertando em meio dum sonho, a cantarolar)

Portuguêses é chegado

O dia da Restauração!

(Entrando em scena) Viva a Liberdade! Vi...(Suspende a olhar para Verdade e Mentira.) Ora espera...Mas então...prometeram-me uma e dão-me duas?! Não ha fome que não dê em fartura! Duas liberdades duma assentada e...qual delas a mais catita! Tardei mas arrecadei!

VERDADE

Não nos conheces?

ZÉ

Pessoalmente, não; mas conheço-as muito d'ouvido, dos comicios (Imitando o orador) Quando raiar a liberdade! No dia em que surgir a liberdade! Tanto assim que vim para a Avenida da Liberdade, puz-me á espera deste dia e...adormeci.

MENTIRA

Não perdeste o teu tempo...

ZÉ

Mas, ou eu estou grosso e vejo tudo a dobrar, ou as madamas são mesmo duas como parecem?...

VERDADE

Não, meu amigo, não somos quem tu pensas.

ZÉ

Se calhar a senhora é a Liberdade, e a outra é a Igualdade. Falta aqui a Fraternidade que naturalmente está zangada com as manas. Não é ?

MENTIRA

Não, somos apenas as tuas melhores amigas . Talvez as unicas que possas contar como boas.

ZÉ

E bem boas - pai da vida!- Passava-se agora aqui uma rica sêsta, mas, se me dão licença, primeiro as obrigações (Tira o relógio) Parece-me que são horas de ir para a repartição.

VERDADE

(Aparte) Coitado!

MENTIRA

(Rindo) Pois quê, ainda te lembras em que Ministerio estás empregado?

ZÉ

Ora essa! Lembro-me de tudo! Sou amanuense do Ministerio do Reino. O Ministro é o Sr. Fontes Pereira de Melo. Moro no Cabeço de Bola ao pé da Guarda Municipal. Tenho uma filha no Convento das Salesias; tenho um irmão cocheiro dos Americanos e em dias de gala sou archeiro da Casa Rial.

MENTIRA

(Ri) Muito bem! Muito bem!

VERDADE

(Com energia) Desgraçado! Estiveste a dormir! Tudo isso acabou!

41
ZÉ

Acabou?! Isso é mentira! Então era lá coisa que acabasse dum dia para o outro!

MENTIRA

Sim, a tua terra hoje é uma republica.

ZÉ

Republica?! (Ri) A senhora está a chuchar comigo! Se fosse republica tudo para ahí eram palacios. Tinhamos o pão barato, tinhamos estradas e havia fartura! Olhe p'ra isto: uma caixa de fosforos que me custou um pataco. Nem o povo pode fumar! Isto é republica?

VERDADE

Mas isso era noutro tempo. Agora tudo mudou.: já não ha realleza nem tronos.

ZÉ

Ora adeus! Eu não estou a dormir! Se assim fosse estavam os cofres a abarrotar e todos nós andavamos de carruagem. E assim numa tipoiá custa 1200 e quem quiser andar de americano tem de puxar por 30 reis. E então?

MENTIRA

Mas hoje tens melhor e mais rapido.

ZÉ

Isso é quando vier a Aurora redentora (Assobia a Marselhesa)

VERDADE

Mas já tens o que desejavas. Desapareceram os antigos politicos e a velha rotina.

ZÉ

Ô santinha, não esteja com escôvas. A prova é que os generos de primeira necessidade estão pela hora da morte. Ora querem ver? (Tira da algibeira uma factura) Isto é a conta da mercearia do mês passado. (Lê)

12

"Jeronimo Martins & Filhos - Lisboa - 30 de Maio de 1886 - 1 quillo de bacalhau sueco, doze vintens!"Hein? Que roubalheira! (Lendo)"Um quillo de açucar branco, dois tostões!"Que patifes! (Lendo)"Um quillo de arroz de Veneza - nove vintens! 2 quillos de batatas, três vintens!" Que imoralidade! (Lendo) "1 quillo de sabão amarelo, setenta reis!" E não ha-de vir uma republica que escangalhe isto tudo!

MENTIRA

Mas, já veio, já a tens!

ZÉ

A senhora não diga isso em voz grossa que pode vir por ahí algum cabo de segurança e prender-me!

VERDADE

Tambem deram cabo dessas velharias. Tens hoje os civicos e a Guarda Republicana.

ZÉ

Não! Não vou nisso! Se assim fosse não havia abusos. Este fato custou-me quatro mil e quinhentos e estas botas vinte e cinco tostões. Isto é, do meu ordenado, pagas todas as despesas, tenho aqui três libras. Malandros! (Tira da algibeira 3 libras em ouro)

VERDADE

Libras em ouro!

MENTIRA

E de cavalinho!

ZÉ

Pudera! Haviam de ser em papel! Já agora para cumulo da desgraça, era o que faltava!

VERDADE

Pobre povo! Custa-me muito a desiludir-te mas...

MENTIRA

Acho preferivel mentir-lhe.

ZÉ

Mau! As senhoras estão a intrigar-me. Que dia é hoje?

VERDADE,

Dia 1 de Abril de 1926.

ZÉ

1926? Palavra d'honra? Mas então que tenho eu estado a fazer ha tanto tempo?

MENTIRA

A dormir!

ZÉ

A dormir?! Não pode ser! Mas...nesse caso deve estar tudo adiantadissimo: o comercio, a medicina, a politica, a justiça...

MENTIRA

Tão adiantados que nem vais reconhece-los.

VERDADE

Não acredites.

MENTIRA

Eu t'os mostro. O comerciante, o medico; o advogado e o politico.

(Comerciante, tipo do merceeiro antigo, guarda-pó e barrete: Medico, chapeu alto e sobrecasaca; advogado, de toga e ministro, farda e pasta.)